

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES GERAIS

1.1 - ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Foi na prática da guerra que a logística encontrou seus ensinamentos. Das lições retiradas das vitórias, derrotas, erros e acertos decorreram as normas e princípios que a constituem.

Na antigüidade, os combatentes eram praticamente auto-suficientes, sendo que o apoio logístico às tropas não era executado em profundidade, estando restrito à retaguarda próxima aos exércitos.

O mesmo ocorria no campo naval, onde os navios de guerra serviam apenas para o transporte de tropas, não dispondo de armas nem combustíveis, pois eram movidos a remo e, posteriormente, a vela. Como navegavam muito próximos da costa, os fundeios e encalhes para o reabastecimento de água e de víveres eram rotineiros, dispensando maiores preocupações de natureza logística.

Embora Napoleão já houvesse se interessado pelas ações de apoio, o certo é que sofreu as conseqüências da falta de previsão na organização de apoio a seus exércitos, especialmente nas campanhas da Rússia e da Espanha. Faltaram víveres, rações para os cavalos, armas, munição, roupas de abrigo e transportes. Era difícil, com os conceitos da época, desenvolver atividades de apoio para 500.000 homens longe de suas bases de origem, sobre uma terra arrasada e hostil.

No final do século XIX, o navio a vapor, o transporte ferroviário, o armamento mais sofisticado e os novos explosivos foram importantes contribuições da Revolução Industrial para o desenvolvimento da guerra e, consequentemente, aumentaram os problemas de apoio às Forças Armadas, decorrente da ordem de grandeza da quantidade e da variedade das provisões necessárias para o combate.

As dificuldades persistiram no tempo e foram enormes os problemas surgidos com as ações de apoio às forças combatentes no século XX. As necessidades, em termos de material, pessoal e serviços, foram muito maiores do que as previsões. Ao aumento de massas humanas mobilizadas na Grande Guerra que alcançaram cifras superiores a 12 milhões de combatentes foi acrescido, na 2ª Guerra Mundial, o emprego maciço da aviação, dos motores, da eletrônica e de ampla variedade de armas.

As primeiras referências à logística , no seu sentido moderno, podem ser encontradas nas obras de dois grandes estudiosos da arte da guerra: CLAUSEWITZ e JOMINI.

CLAUSEWITZ dividia a Arte da Guerra em dois ramos: a tática e a estratégia. Não falava especificamente da logística , porém reconheceu que, “...em nossos dias, existe na Guerra um grande número de atividades que a sustentam... mas devem ser consideradas como uma preparação para a mesma”.

A JOMINI, contemporâneo de CLAUSEWITZ, deve-se, pela primeira vez, o uso da palavra LOGÍSTICA, definindo-a como “a ação que conduz à preparação e sustentação das campanhas”, enquadrando-a como “a ciência dos detalhes dentro dos Estados-Maiores”.

Estes conceitos desenvolveram-se muito pouco na literatura militar. Em 1888, o Tenente ROGERS introduziu a Logística, como matéria, na Escola de Guerra Naval dos EUA.

A realidade é que, até a 1ª Guerra Mundial, não aparecia a palavra LOGÍSTICA, empregando-se normalmente termos como “Administração”, “Organização” e “Economia de Guerra”.

A verdadeira tomada de consciência da logística como ciência teve sua origem nas teorias criadas e desenvolvidas pelo Tenente-Coronel THORPE, do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA que, no ano de 1917, publicou o livro “Logística Pura: a ciência da preparação para a guerra”. Segundo THORPE, a estratégia e a tática proporcionam o esquema da condução das operações militares, enquanto a logística proporciona os meios”. Assim, pela primeira vez, a logística se situa no mesmo nível da estratégia e da tática dentro da Arte da Guerra.

O Alte HENRY ECCLES, em 1945, ao encontrar a obra de THORPE, empoeirada nas estantes da biblioteca da Escola de Guerra Naval, em Newport, comentou que, se os EUA seguissem seus ensinamentos teriam economizado milhões de dólares na condução da 2ª Guerra Mundial. ECCLES, Chefe da Divisão de Logística do Almirante NIMITZ, na campanha do Pacífico, foi um dos primeiros estudiosos da logística, sendo considerado como o “pai da logística moderna”.

1.2 - DEFINIÇÕES ATUAIS

Não existe uma definição de logística categoricamente estabelecida e aceita universalmente pois, sendo uma atividade de reconhecimento relativamente recente, está sujeita a constante evolução.

THORPE, em 1917, afirmava que “a estratégia está para a guerra como o enredo está para a peça; a tática é representada pelo desempenho dos artistas; e a logística fornece o cenário, a roupagem, os acessórios e os próprios artistas”.

No Brasil, o Ministério da Defesa conceitua Logística Militar como “o conjunto de atividades relativas à previsão e à provisão dos recursos e dos serviços necessários à execução das missões das Forças Armadas”.

A MB adota a seguinte definição:

“Logística é a componente da arte da guerra que tem como propósito obter e distribuir às Forças Armadas os recursos de pessoal, material e serviços em quantidade, qualidade, momento e lugar por elas determinados, satisfazendo as necessidades na preparação e na execução de suas operações exigidas pela guerra”.

Em que pese a existência de algumas peculiaridades em cada Força, podemos definir a logística naval como:

“O ramo da logística militar concernente aos meios, efetivos e organizações de comando, controle, comunicações e apoio empregados pela Marinha para atender às necessidades das forças navais”.

1.3 - CLASSIFICAÇÃO DA LOGÍSTICA

A logística admite diversas classificações, dependendo do ponto de vista que se adote para o seu estudo.

1.3.1 - Quanto à natureza:

- logística pura; e
- logística aplicada.

1.3.2 - Quanto ao nível ou escalão em que se desenvolve:

- logística nacional ou de alto nível; e
- logística militar.

1.3.3 - Quanto à função que exerce:

- logística de produção; e
- logística de consumo.

1.4 - LOGÍSTICA PURA E LOGÍSTICA APLICADA

A logística pura ou teórica consiste em uma investigação científica para o estabelecimento das teorias, princípios e leis que irão reger as atividades logísticas. Tem caráter essencialmente especulativo e abstrato.

A logística aplicada é o emprego dos princípios da logística pura na resolução prática dos problemas logísticos, em razão da doutrina estabelecida.

1.5 - LOGÍSTICA NACIONAL OU DE ALTO NÍVEL

A logística nacional ou de alto nível trata e estuda os problemas logísticos impostos pela política nacional.

A logística nacional, por depender da economia do País, confunde-se, muitas vezes, com a economia nacional, por que não se limita a atender, apenas, às necessidades exclusivas das Forças Armadas, mas também as de ordem civil, incluindo os interesses comerciais e as imposições da política internacional.

O poder político estabelece os objetivos da política nacional e traça a estratégia nacional. O poder militar define a estratégia militar que gera necessidades, que deverão ser atendidas pela logística militar.

A logística nacional leva em conta os recursos nacionais, o potencial nacional e a possibilidade de apoio de países amigos e aliados.

Portanto, é a logística nacional que dá curso à execução da política nacional, seguindo a estratégia nacional.

Desta forma, não existe um plano estratégico sem o correspondente plano logístico que, por sua vez, existe para atender ao plano estratégico. Há uma clara interdependência entre eles.

Em tempo de paz, o funcionamento da logística exige um esforço de ordem financeira - créditos orçamentários - para permitir a sua atuação em prol das Forças Armadas, e um esforço administrativo para gerenciamento dos recursos financeiros, normalmente escassos, frente ao volume de necessidades.

Em situação de crise ou guerra, o esforço logístico do período de paz se torna insuficiente para a manutenção das forças nos níveis exigidos. Assim, decorrem profundas alterações na política nacional para atender a uma emergência. O Estado lança mão da chamada “economia de guerra”, por intermédio da redistribuição de sua capacidade econômica, normalmente dedicada aos vários campos do poder nacional, de forma a satisfazer às necessidades das Forças Armadas. Além disso, a reorientação da economia nacional, para atender às necessidades dos vários campos do poder nacional, buscará, também, transformar o potencial nacional em poder, em caráter emergencial.

Quando o poder nacional e a transformação do potencial nacional são incapazes de prover os recursos necessários, a logística pode e deve buscá-lo em outros países.

Delineia-se, assim, a logística internacional, definida como “o processo, a nível internacional, de prever e prover bens e serviços para o apoio de forças militares e da economia civil de nações aliadas, em consonância com os tratados e acordos estabelecidos”. Trata-se, pois, de uma transferência de recursos de um poder nacional para outro, completando aqueles que são escassos ou inexistentes em um país.

1.6 - LOGÍSTICA MILITAR

É a que trata de proporcionar recursos às Forças Armadas e se baseia em estimativas de necessidades que permitem a atuação das forças operativas.

Como já mencionado no artigo 1.2, é conceituada pelo Ministério da Defesa como “o conjunto de atividades relativas à previsão e à provisão dos recursos e dos serviços necessários à execução das missões das Forças Armadas”.

1.7 - LOGÍSTICA DE PRODUÇÃO E LOGÍSTICA DE CONSUMO

A logística de produção trata das questões relativas à obtenção de bens. Essa obtenção pode se resumir a uma simples aquisição, ou à pesquisa, ao desenvolvimento e à fabricação de um novo produto.

Possui, assim, estreita ligação com a economia nacional, podendo, ainda, se socorrer da logística internacional, quando os recursos e o potencial internos do País forem insuficientes para atender às suas necessidades.

A logística de consumo ocupa-se da distribuição, de acordo com as necessidades determinadas.

Não existe uma linha demarcatória rígida entre as duas classificações logísticas.

1.8 - RELACIONAMENTO DA LOGÍSTICA COM A ESTRATÉGIA E A TÁTICA

Os problemas decorrentes de um conflito trazem em seu bojo uma mistura de considerações e elementos políticos, estratégicos, táticos e logísticos, sendo afetados, de diferentes formas, por considerações e fatores não militares. Assim, em situações de conflito, cabe ao Comando agir, decidir com base na identificação dos elementos presentes e aplicar a dosagem adequada de cada elemento. Nos níveis mais elevados, a superposição desses elementos é maior e sua aplicação é mais complexa.

Em nenhuma ocasião o Comandante poderá ater-se a um só aspecto do problema, deixando de considerar sua influência nos demais elementos, ou a forma pela qual ele é afetado pelos outros. Assim, se um Comandante pensar na estratégia, tática ou logística como elementos isolados, terá perdido sua perspectiva.

A ESTRATÉGIA é a arte e a ciência de preparar e aplicar o poder - na paz e em situações de conflito - para a conquista e a preservação dos objetivos da nação. Decompõe e delimita esses objetivos em outros intermediários cuja consecução conjunta contribuirá para o atingimento da meta maior. Esses objetivos fornecem os propósitos para todas as atividades militares e se constituem na inspiração do Comando.

A TÁTICA, por seu turno, cuida do emprego imediato do poder para alcançar os objetivos fixados pela estratégia. Isso compreende o emprego de forças, incluindo o seu armamento e técnicas específicas.

A LOGÍSTICA trata da previsão de necessidades e da provisão dos recursos para emprego das forças militares na consecução dos seus objetivos, sendo seu propósito o de manter a máxima eficiência de combate dessas forças. É vital à estratégia e à tática, que não podem ser sustentadas sem os recursos proporcionados pela logística.

Verificamos, assim, que a estratégia determina os objetivos e os métodos amplos para atingi-los; a tática determina o emprego específico das forças para alcançar os objetivos da estratégia; e a logística provê os recursos para apoio às forças combatentes necessárias.

Estes fatores militares têm algo muito importante que determina o seu inter-relacionamento: os objetivos a alcançar e os meios para fazê-lo, ou seja, a relação entre o “DESEJÁVEL” e o “POSSÍVEL”.

Cabe ao Comando efetuar o balanço adequado da estratégia, da tática e da logística, admitindo uma temporária prevalência de qualquer uma delas sobre as outras em função das circunstâncias.

O aspecto logístico é de importância capital em todas as fases de um conflito e orienta, em grande parte, a estratégia a seguir. Nenhum plano estratégico pode ser considerado válido enquanto não se comprove sua possibilidade sob o ponto de vista da logística. O sucesso de uma operação militar depende fundamentalmente da logística. Se a estratégia não pode ser estabelecida sem o correspondente planejamento logístico para o seu apoio, o reverso desse relacionamento também é verdadeiro.

1.9 - OUTRAS RELAÇÕES DA LOGÍSTICA

1.9.1 - A Logística e a Organização

Em face da grande complexidade da logística, é preciso existir uma sólida ligação entre a logística e a organização, uma vez se torna necessária a montagem de uma

estrutura orgânica que defina funções, responsabilidades e uma metodologia adequada de planejamento, desenvolvimento e execução das soluções dos problemas existentes. A **organização, portanto, é uma ciência de apoio à logística**, uma ferramenta da qual esta não pode prescindir. Houve, durante muito tempo, confusão entre estes dois termos, sendo as atividades logísticas tratadas como tarefas da Seção de Organização dos Estados-Maiores. São, entretanto, termos diferenciados, e a organização, simplesmente, é um instrumento de apoio à logística, da mesma maneira que apoia a estratégia e a tática.

1.9.2 - A Logística e a Economia

A logística limita a atuação da estratégia e da tática na medida em que os recursos existentes, colocados à disposição das Forças Armadas, não são ilimitados.

Exige, assim, a mobilização total ou parcial dos recursos do País, provendo os meios necessários à condução das operações quando em situações de conflito.

Pode-se dizer que nos altos níveis da organização nacional, a logística tem um caráter predominante econômico e, à medida em que atua em outros níveis, ela vai se tornando mais operativa, mais de consumo e mais militar.

Enquanto a capacidade logística limita as ações das forças em operações de combate, a capacidade econômica limita as forças que podem ser criadas. O Almirante ECCLES corrobora esse relacionamento entre a economia e a logística ao dizer que “a logística é a ponte entre a economia nacional e as forças combatentes, operando como economia militar no mais completo sentido da palavra”.